

# FORMAÇÃO SINDICAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA EM GRAMSCI

Fabiana Lisboa Ramos Menezes (UFS)  
fabianalramos@hotmail.com  
(79) 8121-8656

## Educação e Movimentos Populares

**RESUMO:** O presente artigo objetiva apresentar a contribuição da formação sindical na prática pedagógica de acordo com os estudos de Gramsci que defendem uma educação que desenvolva a intelectualidade e a parte relativa aos direitos e deveres. A formação obtida nos cursos de graduação pode garantir uma base teórica indispensável ao exercício do magistério mas nem sempre prepara para defrontar-se com condições estruturais, didáticas e sociais que não favorecem o processo educativo. A fim de não arrefecer a crença na educação tornando-se um mero transmissor de informação, é que a formação sindical, promovida pelos sindicatos de professores, contribui para a consciência de classe e a participação e a transformação social.

**Palavras-chave:** formação sindical, prática pedagógica, transformação social.

Para compreendermos a valiosa contribuição de Gramsci aos movimentos populares, pode-se verificar seu tratamento a ação educativa no âmbito escolar e sua obrigação perante a sociedade. A educação, em sua amplitude, é concebida como etapa de preparação do indivíduo para a vida em sociedade. A educação escolar tem o objetivo de garantir ao cidadão a alfabetização para, a partir daí, se apoderar e dominar os conhecimentos já existentes sobre as várias ciências bem como produzir novos. Entretanto, a escola deve superar o objetivo conteudista e ampliar sua função social, para a qual Gramsci chama a atenção, quanto ao desenvolvimento, sobretudo, da parte relativa aos direitos e deveres.

A escola que seja única, que não seja uma endereçada à elite e outra entregue aos trabalhadores. À aquela uma educação intelectual para a permanência do controle do Estado; à estes, uma educação voltada para o ensino mecanicista, subalternação, manutenção das desigualdades sociais.

O ensino certamente proverá o educando de condições para o trabalho de acordo com suas habilidades e interesses; mas não só para este fim. Gramsci defende a linha em que a escola seja

...única, de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual.  
(Gramsci, 2006, p.33)

Para FREIRE (2007), estudar é realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma

disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a. É nesta perspectiva que Freire critica o que ele chama de educação bancária – a que deposita informações sem dar possibilidades de retorno, matando a curiosidade e a criatividade do educando que passa a ser um mero ouvinte.

Para que haja, de fato, educação o educando precisa ser sujeito. Ele deve fazer parte do processo de aprendizagem, visto que seus conhecimentos pré-escolares precisam ser valorizados e pressupostos para a construção dos novos saberes. A estreita relação entre o senso comum e o conhecimento científico e a utilização destes saberes nos momentos adequados, de forma ajustada e coerente favorecem a utilidade de toda formação.

Na dedicatória de Croce a Loria citado por Gramsci (2002) uma coisa é enunciar um pensamento genérico e abstrato, e outra é pensá-lo real e concretamente; uma coisa, enfim, é inventar, e outra é repetir de segunda ou de terceira mão. A escola precisa ensinar a ler o mundo. Ir além da decodificação de sinais gráficos, despertar a criatividade para ler, reler, reinventar, produzir novos significados. Considerando que a educação regular deve ajudar a formar cidadãos conscientes, a escola muito se afasta desse objetivo. Para Meszáros,

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital. Como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes... Meszaros (2005, pag. 35)

Uma educação que vise apascentar o educando, tornando-o passivo e mantendo a estrutura social que a elite exige contraria o que se acredita ser o sentido de formar cidadão livre, consciente, principalmente, consciente de sua classe.

Este ensino apenas perpetua a hegemonia da classe dominante, quando, tacitamente, a classe subalterna consensua sua condição de dominada e, quando lhe falta o consenso, estando nas mãos da elite o poder estatal, esta utiliza todos os seus aparelhos para coagir a grande massa.

Se para Gramsci, (2006) a escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis, ela deverá sofrer inúmeras transformações que a afastem deste papel de mantenedora da exclusão social. Este objetivo gramsciano é evidenciado pelo pensador Meszáros, quando avalia que:

...desde o início, o papel da educação é de importância vital para romper com a internalização predominante nas escolhas políticas circunscritas a “legitimação constitucional democrática” do Estado capitalista que defende seus próprios interesses. Meszáros, (2007, pag. 61)

Associando estas últimas análises, tanto Gramsci quanto Meszáros vêem a escola como proposta do Estado de amenizar a revolta das classes subalternas e, ao mesmo tempo, manter a estrutura de poder

que convenha ao capital e à exploração dos trabalhadores. A proposta gramsciana para escola que queremos é que “o advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial, não apenas na escola mas em toda a vida social.”

Considerando a escola como oportunidade de lapidação do cidadão para assumir o controle da produção e não mais ser explorado é que Roio chama a atenção para a escola do trabalho.

Na escola do trabalho é que também seriam lapidados os intelectuais gerados pela própria classe operária, em condições de criar uma nova cultura, distinta e contraposta à da intelectualidade burguesa e mesmo reformista. Logo, a escola do trabalho encontra o seu método e o seu fundamento na ação dos produtores, mas o seu objetivo é o de contribuir para a construção do homem comunista, do trabalhador livre associado. Para isso, é imprescindível o controle da produção e do instrumento de trabalho, o que implica conhecimento técnico e científico. (ROIO, 2006, p. 316).

Atravessando o século passado nos encontramos neste com antigas buscas, com o pensamento gramsciano tão atual, ainda mais forte, visto que a educação vem passando por várias modificações que não significam, em toda sua extensão, transformação na sociedade. A política de aceleração da aprendizagem, programas de erradicação do analfabetismo bem como tem-se tratado a educação de jovens e adultos podem até apresentar números significativos nas estatísticas; porém não representam, suficientemente, maior nível de conscientização da classe trabalhadora e ampliação da luta pela sua imposição enquanto construtores da riqueza que sustenta a ostentação da burguesia.

Ao tratar da formação escolar, Gramsci chama a atenção para as transformações pelas quais escola precisa passar, inclusive quanto ao corpo docente. Gramsci (2006) orienta que o corpo docente, em particular, deveria ser ampliado, pois a eficiência da escola é muito maior e intensa quando a relação entre professor e aluno é menor. O professor tem mais condições de acompanhar as atividades, aulas mais interativas. Salas lotadas não promovem o acompanhamento do assunto, é mais difícil fazer os debates, a dispersão é grande.

Gramsci considera a escola uma formadora, tanto dos conhecimentos específicos a cada ciência como para o desenvolvimento intelectual que exige, evidentemente, profissionais bem-formados, já que,

...na civilização moderna, todas as atividades práticas se tornaram tão complexas, e as ciências se mesclaram de tal modo à vida, que cada atividade prática tende a criar uma escola para os próprios dirigentes e especialistas e, conseqüentemente, tende a criar um grupo de intelectuais especialistas de nível mais elevado, que ensinem nestas escolas. Gramsci (2006, pag. 32)

As referências de Marx e Engels quanto à formação do educador denotam a importância da formação para além da escola.

A teoria materialista de que os homens são produto das circunstâncias e da educação e de que, portanto, homens modificados são produto de circunstâncias diferentes e de educação modificada esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado. Marx e Engels (1977 apud Meszaros, 2005, pag. 24)

Considerando Nóvoa (1994) profissionalização do professorado acompanha-se de uma política de normalização e de controlo estatal. Dessa forma, os profissionais, em sua maioria, são formados para perpetuar o modelo institucional de ensino.

A obrigatoriedade de graduação em Licenciatura Plena proposta pela LDB de 1996, além das Instituições de Ensino Superior públicas, promove o surgimento descontrolado de faculdades privadas que se tornaram alternativas mais viáveis para os professores serem graduados.

O percebido é que a corrida aos cursos de licenciatura nos últimos 14 anos elevou consideravelmente o número de professores habilitados, mas não promoveu mudanças estruturais na formação dos cidadãos.

Segundo dados do INEP (1996 – 2009) em 1996, o número de docentes com licenciatura equivalia a 44% do total de professores. Este percentual sobe para 94,5% em 2009. Estes dados não devem ser analisados friamente. Os números importam pela mudança que a sociedade deveria ter apresentado na transformação social: melhor qualidade de vida, elevação da cobrança de políticas públicas, redução das relações de dependência de cargos comissionados. Enfim, libertação do indivíduo e atuação do mesmo como sujeito.

Os conhecimentos adquiridos nos cursos de graduação são a base na qual se sustentam a atuação dos professores na preparação e execução de suas aulas. O conhecimento específico é validado e colocado à prova no cotidiano da sala de aula e frente às reais condições de realização da educação.

A educação, principalmente com o quadro docente devidamente qualificado, deve garantir a emancipação do cidadão a partir da intelectualidade a fim de se tornem livres. Gramsci (2006) já orientava que a tendência democrática da escola não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada cidadão possa se tornar governante.

Se para Gramsci (2006) todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais, esta escola, seja básica ou superior, nem sempre tem tratado os educandos como seres pensantes, como sujeitos. As provas de avaliação nacional, a cobrança da administração com os conteúdos, o serviço burocrático que o professor também tem a cumprir acabam por deixar para segundo plano a parte pedagógica e a interatividade com o aluno.

Vygotsky (1988) considera que o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por outra pessoa. O estudioso vê no professor o impulsionador do desenvolvimento cognitivo da criança.

Pelo visto, a ideologia do educador faz muita diferença no trabalho com os alunos. A forma de apresentar os assuntos, abordar a história, explicar os acontecimentos geográficos, a aplicabilidade da lógica, a apreciação das artes. O conteúdo aprende-se na escola. A forma de ler o mundo pode ser lapidada pelo educador que acredita e participa das lutas sociais.

Para Gramsci, a emancipação passa pela conquista das mentes, através do código dominante para sair do estado de dominado para uma sociedade educada, intelectualmente avançada.

Assim, Meszaros avalia que a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora, já que

... desde o início, o papel da educação é de importância vital para romper com a internalização predominante nas escolhas políticas circunscritas a “legitimação constitucional democrática” do Estado capitalista que defende seus próprios interesses. Meszaros (2007, pag. 61)

A formação acadêmica não tem contemplado a docência para sua função social em para que o professor em sala de aula atue sobre os currículos auxiliando o educando a utilizar os conhecimentos de acordo com as necessidades que vão surgindo ao longo da vida. A manipulação destes saberes, sua correlação com os acontecimentos cotidianos devem ser incentivados já na criança e por todas as etapas da educação básica a fim de que os alunos, ao chegarem ao ensino médio, já tenham despertado a criticidade e formulação de suas próprias ideias sobre qualquer assunto.

E ainda tenham despertado o interesse e reconheçam a importância da leitura e façam suas releituras, pensando e produzindo textualmente suas concepções a respeito do assunto lido. Reconheçam o interesse por trás dos escritos e consigam experimentar as várias interpretações que os textos nos proporcionam.

É uma tarefa difícil para os educadores. Lidar com o intelecto, produzir sensações e despertar curiosidades; conduzir associações entre a vida pessoal da comunidade em que estão inseridos e os conteúdos trabalhados em sala de aula requer um planejamento cauteloso, leituras variadas, reflexões sobre diversos pontos de vista. Ensinar, por exemplo, gráficos como constam no livro didático, com exemplos dissociados de nossa vivência não causam interesse, nem chamam a atenção. Entretanto, se mostrarmos o nível de pobreza da região em que se mora, comparando à qualidade de vida dos burgueses da cidade, certamente despertará alguma curiosidade entre a classe. A alusão aos tipos de empregos que determinada parte da cidade, geralmente, desempenha em contradição com outra da mesma cidade e relaciona suas oportunidades de: educação, cultura, informação, descanso, tranquilidade para a sobrevivência... se verificará que os gráficos traduzem não apenas números em tamanhos diferenciados,

mas a desigualdade social que tende a permanecer se os excluídos não gritarem por sua inclusão.

A atuação do professor deve garantir que seja

...este o fundamento da escola primária; que ele tenha dados todos os seus frutos, que no corpo de professores tenha existido a consciência de seu dever e do conteúdo filosófico deste dever, é outro problema, ligado à crítica do grau de consciência civil de toda a nação, da qual o corpo docente era apenas uma expressão, ainda que amesquinhada, e não certamente uma vanguarda. Gramsci (2006, pag.43)

E, principalmente, o educador precisa se reconhecer enquanto classe social, assumi-la e buscar o engajamento social para o fim da dominação ao invés de construir sua vida numa busca pela ascensão de sua classe social. É assim que mais uma vez, Gramsci enfatiza que o professor

...na medida em que é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de cultura e sociedade representado pelos alunos, é também consciente de sua tarefa que consiste em acelerar e disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o tipo inferior. Gramsci (2006, pag. 43).

Na realidade, um professor medíocre pode conseguir que os alunos se tornem mais instruídos, mas não conseguirá que sejam mais cultos. Na avaliação de Gramsci (2006), um professor de formação acadêmica, guiado apenas pelo rigor das disciplinas estudadas e que repassa esses conhecimentos ao lecionar sem o devido compromisso social, gera inúmeros profissionais preocupados com emprego, salário, horário. Após sua formação inicia uma busca pela ascensão social a fim de galgar alguns centímetros na pirâmide das classes sociais e enfim dizer que venceu na vida. Não há vitória individual enquanto uma massa grita pelo mero direito de sobreviver, de não morrer de fome. As crianças entregues aos nossos cuidados durante os anos letivos devem ser respeitadas em todos os seus direitos e ter consciência de tudo que lhe é negado. A educação deve servir para a vida do cidadão e não para apenas para a vida do trabalho que tira toda possibilidade de sociabilidade pela elevada jornada de trabalho, baixa remuneração, total restrição aos bens culturais, ao lazer e até mesmo à família.

A quem tudo falta e a escola tenta preencher alguns requisitos, a aula tem que ser intensificada em seus momentos de interação com os colegas, com o professor, com toda a comunidade escolar.

Só se alcança esta relação com professores intermediando este processo. Professores formados pela academia e pelas lutas sociais. Consciência de classe é a aprendizagem mais cidadã e que pressupõe todas as outras. Ela nos faz ver o mundo e encarar todos os conhecimentos, todas as informações e todas as experiências pelo olhar do oprimido, de quem precisa se libertar, ser cidadão pleno.

Para além da formação universitária está a formação sindical. Associada aos estudos acadêmicos, a preparação para as lutas

populares prezam pela formação ideológica dos trabalhadores. Congressos, conferências e seminários promovidos por sindicatos que valorizam a formação ideológica e complementam a formação universitária garantem ao profissional de educação mais que conhecimentos específicos à sua área. Mas proporcionam orientações que zelam pela consciência de classe, luta por condições dignas de vida para todos os trabalhadores e trabalhadoras.

O aprendizado obtido nas faculdades enche os educandos de teorias, excelentes propostas e ótimas metodologias. Porém, ao lecionar, percebe-se quão grande é a distância entre teoria e prática e que, pouco do que se aprende nos bancos universitários, aplica-se na realidade.

A formação sindical, segundo Manfredi (1996)

...são práticas educativas mais sistemáticas, intensionalmente programadas, como por exemplo os congressos de trabalhadores, cursos, seminários, palestras, etc., promovidos por entidades de classe e outras organizações sócio-culturais... Manfredi (1996, pag. 23)

A formação ideológica por parte dos sindicatos de profissionais de educação baseam-se no conhecimento da estrutura política e governamental, das relações de poder, das disputas nestes espaços e da organização e fortalecimento da luta de classes.

A educação político-sindical, isto é, a educação para a transformação revolucionária efetivava-se, por um lado, com o engajamento em movimentos e lutas de reivindicação, protesto e resistência, de outro, pela divulgação dos ideais libertários, através de conferências, debates, estudos... (Manfredi, 1996, p. 24)

Paralelamente à vida profissional soma-se a prática sindical. Baseada na luta de classe e reivindicações de direitos trabalhistas, não se sustenta só com revolta, denúncias e processos. A formação sindical é a base da disputa por autonomia e garantir condições de promover educação.

Os sindicatos são ferramentas legais de luta dos trabalhadores pela efetivação de seus direitos e pela legalização de seus ideais. Eles nascem com a industrialização que lhes impõem excessivas horas de trabalho, salários de fome e exploração de toda a família.

Face a tudo isso, não demorou muito para que a classe trabalhadora tomasse, gradativamente, consciência de sua situação de exploração. É o que mostra Gianotti (2007), quando diz que pouco a pouco vai surgindo entre os trabalhadores e os intelectuais que lhes eram solidários a consciência de que eram explorados e oprimidos

A organização dos trabalhadores caminhava para a luta de classes mas não apenas impulsionada pela revolta dos maus tratos, mas pela consciência de que esta luta deve ser estruturada no conhecimento do funcionamento do capitalismo, na reflexão sobre as relações de poder e na elaboração de formas eficazes de disputa.

A formação sindical que contempla a história e a luta dos trabalhadores, desde sua origem; as disputas de classe; luta para além da melhoria salarial; contribuem com a formação de um cidadão consciente de seu papel social e colaboram na prática pedagógica no dia-a-dia da sala de aula.

O magistério público vive momentos de conquistas importantes na parte salarial, jornada e condições de trabalho. Além disso, a melhoria do respeito ao direito à educação é pauta inseparável das reivindicações da luta do magistério público.

Estes avanços são possíveis pela organização da classe do magistério em sindicatos por todo o país.

Gianotti (2007) vê que tarefa dos sindicatos deveria ser a de organizar a luta operária, sem se perder em tarefas de assistencialismo.

Mas para garantir que a luta sindical daria frutos passou a investir na formação da classe operária. Manfredi (1996) afirma que os sindicatos e toda forma de organização proletária deve basear-se na formação.

A formação sindical é a formação cidadã. Ela interfere na prática pedagógica porque amplia sua visão de mundo e permite ao profissional militante ler o mundo além do que lhe é mostrado. Dessa forma, o professor que milita nas lutas sociais, que conhece a história das lutas de classes, que acredita na transformação da sociedade e não omite sua contribuição apresenta condições de garantir aos educandos a associação dos conteúdos às suas condições sociais.

O trabalho tecnicamente qualificado e produtivo deveria se vincular a um conhecimento mais amplo de cultura científica e humanista, não só para poder gerenciar o processo produtivo, mas a própria administração pública de um novo Estado operário e socialista. Assim é que os trabalhadores, no seu próprio processo de auto-educação, gerariam os seus intelectuais e seus educadores, educando assim o sindicato e o partido. (ROIO, 2006, p. 314).

E é fundamental que os professores tenham consciência de sua classe e ofereça as condições literárias e ideológicas para que os educandos se olhem e se vejam como trabalhadores explorados pelo sistema e que tomem ciência de que a transformação dessa sociedade para dominação dos que produzem sua riqueza depende da união de todos.

[...] a perspectiva de Gramsci é sempre a de elaborar conceitos que ajudem a classe operária e seus intelectuais (seu partido) a firmar a 'hegemonia' do proletariado sobre o conjunto das classes subalternas e a disputar a direção intelectual e moral do conjunto da sociedade, visando à tomada do poder político e à alteração da situação de dominação. (MOCHCOVITCH, 1990, p. 10-11).

E esta transformação não se faz apenas com vontade, com determinação. Ela só se realizará pela formação social que passa pela família, pela escola, pelos movimentos populares na sua mais completa intimidade com o massacre a que a classe trabalhadora é

submetida. A formação sindical é uma via de acesso. Os profissionais da educação são os guias. Os educandos são os cidadãos que um dia irão andar sozinhos. Os profissionais da educação podem orientá-los tanto para um lado como para o outro. Depende da formação que tivermos.

#### Referências

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade; São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GIANOTTI, Vito. História da luta dos trabalhadores no Brasil; Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do cárcere, volume 2; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_a Cadernos do cárcere, volume 2; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MANFREDI, Sílvia Maria. Formação Sindical no Brasil – História de uma prática cultural; São Paulo: Escrituras Editora, 1996.

MESZARO, István. A educação para além do capital; São Paulo: Boitempo, 2005.

MOCHCOVITCH, L. G. Gramsci e a escola. São Paulo: Editora Ática S.A, 1990.

NÓVOA, Antônio. In Formação de professores; São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ROIO, M. D. Gramsci e a educação do educador. Caderno Cedes, Campinas, vol. 26, n.º 70, p. 311-328, set./dez. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 02 de abril de 2007.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

